

## TIC E IDOSOS NA PERSPETIVA TEÓRICO-SOCIAL LIGADA AO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Celiana Azevedo<sup>37</sup>

Universidade Nova de Lisboa - FCSH

[celianaazevedo@hotmail.com](mailto:celianaazevedo@hotmail.com)

### Resumo:

As pesquisas demonstram que as novas tecnologias de informação e comunicação são importantes para a qualidade do processo de envelhecimento das pessoas idosas. Este artigo procura examinar a forma como teorias e modelos teóricos podem ajudar a refletir e problematizar sobre as transformações que ocorrem no curso de vida dos indivíduos mais velhos, bem como às adaptações a transformações no contexto tecnológico. Para isso, discutimos com base na perspetiva gerontecnológica, as teorias do curso de vida, o conceito de geração, as teorias do desengajamento e da atividade, o modelo de otimização seletiva com compensação e a teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido. Concluímos que as teorias são úteis na medida em que fornecem uma compreensão mais profunda de eventos sociais e das suas configurações e que os indivíduos idosos têm a possibilidade de serem agentes ativos e com poder de alterar a natureza de seus ambientes sociais através do uso das tecnologias de informação e comunicação.

**Palavras-chave:** Teorias; Envelhecimento; Tecnologias Digitais.

### Abstract:

Studies show that the information and communication technologies are important elements for the quality of the process of growing old. This article has the objective of examining how theories and theoretical models can help us to reflect about the transformations that occur in the course of life of old individuals, as well as the adjustments to the transformations in the technological context. In the gerontechnology perspective, we discuss the theories of life course, the concept of generation, the theories of disengagement and activity, the selective optimization and compensation model and the theory of innovation of successful aging. We conclude that the theories are useful in providing a more profound understanding of social events and their settings and that the elderly have the possibility of being active agents with the power to change the nature of their social environments through the use of information and communication technologies.

**Keywords:** Theories; Growing Old; Digital Technologies

---

<sup>37</sup> Jornalista e investigadora, faz doutoramento em Ciências da Comunicação – Estudo dos Media e do Jornalismo (UNL-FCSH) com bolsa de estudo CAPES. É membro das unidades de investigação científica Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais - CICS.Nova e Centro de Investigação Media e Jornalismo - CIMJ.

## Introdução

A maioria dos estudos que incide sobre idosos é teoricamente pouco focalizada. Essa mesma percepção já era notada por Bengtson em 1997 quando afirmou que as pesquisas em gerontologia pareciam ter desconsiderado a teoria:

Em sua busca para examinar os aspetos individuais e sociais do envelhecimento, os pesquisadores têm sido rápidos em fornecer fatos, mas lentos em integrá-los dentro de um enquadramento teórico explicativo, conectando suas conclusões a fenômenos sociais já estabelecidos. (1997: 72)

Essa constatação é mais evidente quando nos referimos a trabalhos que tratam exclusivamente da temática idosos e tecnologias de informação e comunicação: “Pouca atenção tem sido atribuída na discussão teórica da história do envelhecimento e sua interação com a tecnologia, sendo o tratamento dos estudos empíricos mais de natureza prática do que teórica” (Mollenkopf & Fozard 2004: 254).

No entanto, a partir do final da década de 1990, a gerontologia social passou por um período de maior interesse teórico impulsionada pela publicação do primeiro manual de teorias do envelhecimento, *Handbook of Theories of Aging* (Bengtson & Schaie, 1999), e o maior interesse que a temática envelhecimento e velhice tem ganhado em diferentes campos de pesquisa. Portanto, embora ainda caracterizada como teoricamente pobre (Birren, 1999; Bengtson, 1997), teorizar em gerontologia social tem feito progressos (Alley *et al.*, 2010; Hendricks, Applebaum & Kunkel, 2010).

O envelhecimento ativo está definido como um processo de otimização de oportunidades na saúde, participação e segurança de forma a potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas (WHO, 2002). Essa definição sugere que a qualidade de vida durante o processo de envelhecimento está ligada à participação do indivíduo na sociedade que pode resultar do desenvolvimento de atividades ou pela falta dela num período avançado da vida e, entre outras, poderíamos citar o uso das TIC. Este artigo procura examinar a forma como teorias e modelos teóricos nos podem ajudar a refletir e problematizar sobre a perspectiva gerontecnológica no que concerne às transformações que ocorrem no curso de

vida dos indivíduos, bem como às adaptações a transformações do contexto tecnológico e social levando em consideração o conceito de envelhecimento ativo.

Assim, optamos por abordar os seguintes modelos e teorias sociais: 1 – Primeiramente, por tratarmos aqui de uma faixa etária específica da população, ou seja, pessoas idosas e das suas relações com as tecnologias de informação e comunicação, falamos da teoria do curso de vida e do conceito de geração na perspectiva da gerontecnologia; 2 – Discutimos as teorias do desengajamento e da atividade no que concerne à importância dos idosos manterem-se ativos para que tenham mais qualidade de vida no processo de envelhecimento; 3 – Tratamos do modelo de otimização seletiva com compensação para contextualizar a importância da adaptação às novas realidades durante o processo de envelhecimento avançado; 4 - Por último, discutimos a teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido que traz uma abordagem fundamental sobre a importância de manter-se ativo.

### **1- Teoria do curso de vida e conceito de geração**

A tarefa de investigar o desenvolvimento dos indivíduos dentro do contexto social requer um esforço que leve em consideração o curso de vida como um todo, em vez de se centrar em um grupo de pessoas com idades específicas. Assim, sem deixar de considerar as características que são próprias da velhice, devemos entendê-la como um dos períodos da vida e, portanto, é importante interpretá-la levando em consideração o processo histórico e social.

A teoria conhecida como curso de vida (Mortimer & Shanahan, 2003; G. H. Elder e Shanahan, 2006; G. H. Elder, 1975), como conceito, refere-se à segmentação da idade dentro do contexto social que conecta as diferentes fases da vida tendo como início a infância e o seu último estágio a velhice; como paradigma, curso da vida diz respeito a pressupostos, conceitos e métodos interrelacionados que são utilizados em estudos sobre fases da vida socialmente conectadas (Mortimer & Shanahan, 2003). Os defensores dessa perspectiva argumentam que, para compreender a situação atual de adultos mais velhos,

deve-se levar em consideração forças sociais e psicológicas, tanto ao nível macro como micro social, na análise de populações e indivíduos (George, 1996).

A importância de pensar o ser idoso dentro do seu curso de vida é reforçada por estudos que começaram por mostrar que as pessoas da mesma idade não entendem os acontecimentos da mesma maneira e que isso também está ligado à geração a que pertencem. Em *The problem of generations*, Mannheim (1952) define geração como um fenómeno social que representa um tipo particular de identidade, que abraça grupos etários relacionados e incorporados em um processo histórico e social. Traços biográficos coexistem com características históricas e culturais e pertencer a um grupo etário específico está ligado a experiências históricas, ao desenvolvimento de hábitos de consumo (Volkmer, 2006) ou à ocupação de determinadas posições dentro do ambiente familiar (Bertaux & Thompson, 1993). Características sociodemográficas também ajudam a moldar o conceito de geração e devem ser levadas em consideração como é o caso do género, da educação, do capital cultural, das condições económicas e mesmo geográficas (Azevedo, 2012).

Mannheim (1952) distinguiu, socialmente, o conceito de geração em três aspetos: localização social, atualidade e unidade geracional. A localização social refere que todas as pessoas nascidas durante dois períodos de tempo específicos pertencem a uma geração também exclusiva e é equivalente ao conceito de coortes de nascimento (*birth cohorts*); Geração como atualidade peculiariza que as pessoas pertencentes a uma mesma geração vivenciaram os mesmos eventos históricos e condições socioculturais durante os seus anos formativos, ou seja, a infância, a adolescência e a juventude (Aroldi & Colombo, 2007). No terceiro aspeto, as unidades geracionais surgem de grupos concretos de pessoas que são capazes de produzir um discurso semelhante compartilhado entre seus membros. Não é simplesmente crescer juntos, mas também, de maneira espontânea, observar que o outro interpreta e articula determinados tópicos de uma maneira similar (Corsten, 1999) desenvolvendo reações semelhantes em resposta aos seus problemas e oportunidades. O que é definido aqui é o conceito de semântica geracional entendida como “recursos, modelos de interpretação, princípios, avaliações e dispositivos linguísticos de forma que

uma experiência partilhada é tematizada e traduzida em discursos do quotidiano” (Aroldi & Colombo, 2007: 37).

Assim, os “anos formativos” de uma pessoa, que incluem a infância, a adolescência e o início da idade adulta (Aroldi & Colombo, 2007), são períodos da vida que determinam as principais condições para o surgimento de uma geração. Esses períodos também coincidem com o momento em que, atualmente, as pessoas começam a utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação, algo que não ocorreu com as gerações mais velhas, especialmente no caso daqueles que se encontram, hoje, na categoria de idoso. Prensky (2001) introduziu a ideia de nativos digitais e imigrantes digitais. Ele considerou os jovens como nativos digitais porque nasceram em um ambiente tecnológico e “falam a linguagem” dessas tecnologias. Os que não nasceram no mundo digital, mas que em algum momento de suas vidas se interessaram e adotaram essas tecnologias são os imigrantes digitais. Existem críticas que afirmam que não há nenhuma evidência empírica para apoiar uma divisão tão rígida baseada na faixa etária, pois em cada geração sempre haverá pessoas que têm problemas com a nova tecnologias e que nem todos os idosos se tornaram imigrantes digitais em seus países (Loos, 2012).

Pesquisadores como Lenhart e Horrigan (2003) introduziram uma perspectiva diferente que chamaram de *digital spectrum*. Aqui, as pessoas são classificadas, independentemente da idade, em vários níveis segundo o uso que dão às novas tecnologias digitais dependendo da idade, mas também de outros fatores como gênero, educação e frequência do uso. Por considerarmos que essa última abordagem dá uma visão mais ampla e completa para entendermos as complexas relações entre idosos e TIC, temos como objetivo contrariar a tendência para considerar os idosos como um grupo homogêneo e reconhecer as diferenças existentes entre eles, chamada por Dannefer (1988) de *aged heterogeneity*.

A teoria do curso de vida e o conceito de geração enfatizam a importância de características como essas para explicar os resultados das mudanças na qualidade de vida durante a idade avançada (Elder, Johnson & Crosnoe, 2003): o envolvimento do contexto social, as escolhas pessoais do indivíduo, os papéis sociais que assume ao longo da vida

interligados por diferentes fases da vida e as oportunidades que o indivíduo teve. O impacto dos acontecimentos depende de qual fase da vida ocorreram, pois começar a utilizar uma tecnologia na velhice é diferente de fazê-lo em outros momentos do curso de vida.

## **2- A teoria do desengajamento e da atividade: declínio e evolução na velhice**

A teoria do desengajamento (Cumming & Henry, 1961) apresentou a controversa ideia de “declínio” ao recém-emergente campo multidisciplinar da gerontologia moderna (Achenbaum & Bengtson, 1994). A hipótese do desengajamento proposta por Cumming e Henry postulou que em um processo de envelhecimento mais avançado, o indivíduo abandona atividades que são centrais na vida como trabalhar, por exemplo, trazendo uma redução significativa da interação social que resultará em menos atividades diversificadas e, conseqüente, perda de autoestima (Warren, 1973).

A teoria do desengajamento afirmou que "o envelhecimento da população é uma realidade inevitável, com afastamento mútuo, resultando em menor interação entre a pessoa envelhecida e outras pessoas do sistema social a que pertence" (Cumming & Henry, 1961: 14). Como resultado, essa teoria provocou controvérsia porque foi descrita como se fosse inata, unidirecional e universal, uma visão simplista (McGuire & Norman, 2005) e que não conseguia representar toda a complexidade que envolve o processo de envelhecimento e a heterogeneidade dos indivíduos idosos.

Em contraposição à teoria do desengajamento surgiu a teoria da atividade que defende a ideia de que a velhice pode ser um período de vivacidade e de boas experiências (Katz, 1996) e que pode ser alcançado quando o idoso faz esforço para manter as suas atividades e relações sociais (Nimrod & Rotem, 2011). Baseada no interacionismo simbólico, a teoria da atividade estabelece uma distinção entre o declínio na função fisiológica e a real capacidade de funcionamento social das pessoas.

Assim, embora o indivíduo possa mudar ou alterar o seu nível de atividade, as ocupações que foram abandonadas devem ser substituídas por outras, de acordo com a sua atual condição de vida. Essa teoria, ao contrário da anterior, inclui a pessoa mais velha na

discussão quando leva em consideração o que entende sobre a sua própria autoestima e a percepção de qualidade de vida. Resumindo a tese central da teoria da atividade, Blau (1973) nota que "quanto maior o número de recursos opcionais com os quais o indivíduo entra na velhice, melhor ele suportará a desmoralização dos efeitos da saída obrigatória de funções que normalmente é prioridade na vida adulta" (p. 125). Várias décadas mais tarde, ambas as teorias continuam a suscitar interesse entre as pesquisas na área da gerontologia, não nos seus conceitos originais, mas através de releituras dos seus princípios básicos. Isso acontece em referência a uma sociedade, onde os idosos têm ganhado importância impulsionada por um processo de envelhecimento cada vez mais avançado em grande parte do mundo.

Poderíamos considerar o isolamento social como uma forma de desengajamento que afeta muitos idosos. Pesquisas mais atuais demonstram que com a sociedade em constante mudança, muitos seniores estão em risco de se encontrarem isolados socialmente, com contacto limitado com outras pessoas (Mellor, Firth & Moore, 2008) e, portanto, de alguma forma, desengajadas socialmente. Não ter acesso às tecnologias ou não ser capaz de usá-las pode agravar essa situação e colocar as pessoas mais velhas em desvantagem na capacidade de viverem independentes (Czaja & Lee, 2007; Mitzner *et al.*, 2010). Vários fatores podem contribuir para aumentar o risco de isolamento social, por exemplo, a saída do mercado de trabalho, a morte de familiares, do marido ou esposa, diminuindo a possibilidade de interagir socialmente. Outras causas também podem ser igualmente significativas: a degradação da saúde, a falta de mobilidade, constrangimentos financeiros ou medos relacionados à segurança (Mellor, Firth & Moore, 2008).

O início de novas práticas é uma forma de lidar com essa situação e talvez a mais inovadora seja promover o uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Sabemos que muitos idosos estão incluídos no maior grupo de pessoas que não utilizam as TIC, mas, de acordo com a teoria da atividade, contrariar essa realidade pode trazer benefícios a essa camada da população ajudando-os a aproximarem-se socialmente, aumentando o número de funções que desempenham na sociedade, aumentando a

variedade de papéis que possuem, fortalecendo a intensidade das atividades e relações sociais.

Ao contrário da teoria do desengajamento, a teoria da atividade está de acordo com o que defendem as políticas públicas mais atuais no que diz respeito ao processo de envelhecimento como o que defende o conceito de envelhecimento ativo. O *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações* (AEEASG) foi um pretexto para estimular estratégias de combate à pobreza e às desigualdades sociais relacionadas às pessoas idosas. Uma das propostas apresentadas foi a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação com o objetivo de trazer oportunidades criando mais acessibilidade a essas tecnologias e, conseqüentemente, suporte para um envelhecimento ativo e saudável (EC, 2012). A inclusão social está diretamente ligada à posse de recursos necessários para uma efetiva participação social e econômica (Ofcom, 2007).

A teoria da atividade fornece uma justificativa conceitual para um pressuposto subjacente a muitos programas e intervenções para os idosos, onde praticar uma atividade social é benéfico e resulta em uma maior satisfação com a vida. Não é o envelhecimento por si só que determina o desengajamento, mas uma combinação de fatores associados como o aumento da idade e de outras características associadas à natureza da sociedade e à posição que o indivíduo idoso ocupa no meio em que vive. Portanto,

O envelhecimento é um processo biológico e o desengajamento é, sobretudo, um processo social. O envelhecimento não, mas o desengajamento é profundamente afetado por condições socioeconômicas. O envelhecimento tem a ver com a passagem do indivíduo por etapas psicobiológicas; o desengajamento tem a ver com as variações individuais na posição social. (Russell, 1975: 562)

Como podemos ver, a teoria da atividade e do desengajamento estão no centro de um duradouro discurso teórico sobre a melhor forma de se adaptar à velhice e às alterações que a acompanham. Apesar disso, essas teorias influenciaram outros modelos teóricos, como observaremos a seguir.



### **3- O modelo otimização seletiva com compensação**

O modelo de “otimização seletiva com compensação” (SOC) (Baltes & Baltes, 1990; Baltes & Heide Simonis, 1996; Freund & Baltes, 2002) é amplamente aceite pelos especialistas. Essencialmente, alega que o envelhecimento pode ser adaptável para dar resposta a fatores limitantes que acompanham o processo de envelhecimento mais avançado. Isso poderia ser feito com a seleção e, conseqüente, abandono de atividades que são menos significativas no quotidiano das pessoas idosas, com o objetivo de compensar perdas de algumas capacidades que surgem com o avançar da idade e otimizar outras consideradas indispensáveis.

O modelo de SOC não é tão radical como aquele apresentado pela teoria do desengajamento, mas argumenta, essencialmente, que a adaptação a fatores limitantes que acompanham o processo de envelhecimento avançado é uma resposta saudável. Uma hipótese dá conta de que a eficiência para a execução do que é proposto pelo modelo de SOC está associada à posse de recursos (Lang, Rieckmann & Baltes, 2002), definida como a capacidade do indivíduo de ter domínio sensorial, cognitivo, de personalidade e de funcionamento social (Baltes & Lang, 1997; Steverink, Westerhof, Bode & Dittmann-Kohli, 2001).

A “seleção” refere que um indivíduo deve restringir suas atividades para menos domínios de funcionamento por causa de perdas ligadas ao aumento da idade e ao potencial adaptativo. Uma focagem seletiva em algumas atividades pode ajudar a preservar recursos para atividades de rotina obrigatória e, assim, manter a saúde e uma vida independente (Baltes & Carstensen, 1996). No final da vida, por exemplo, as pessoas mais velhas preferem procurar experiências emocionalmente significativas (Carstensen, Isaacowitz & Charles, 1999), como um maior contacto com familiares, pois existe a percepção de um futuro limitado (Lang & Carstensen, 2002; Lang, 2000; Lang, 2001).

A “otimização” reflete a ideia de que as pessoas devem envolver-se em comportamentos que possam ampliar e enriquecer suas escolhas ao longo do curso de vida. Refere-se também a processos adaptativos ou a estratégias onde não tenham ocorrido perdas diretas ou indiretas e onde uma melhoria ou maximização dos meios possa ter

ocorrido como o investimento de tempo em domínios de atividades como o lazer cultural, físico e intelectual ou o engajamento social.

E, assim como a seleção, a “compensação” resulta da restrição da amplitude dos potenciais adaptativos e preconiza que a pessoa deve tornar-se operacional em capacidades específicas para compensar aquelas que foram perdidas ou reduzidas. Freud e Baltes (2002) definem compensação como o uso de novos meios alternativos para alcançar uma meta ou a manutenção de um estado desejado quando ocorrem perdas e quando o nível de funcionamento é baixo.

Poderíamos citar o uso das novas tecnologias de informação e comunicação como recurso de compensação de perdas. Por exemplo, quando existe a dificuldade de locomoção, o idoso poderia utilizar as TIC e a internet para aceder a serviços de banco, fazer compras *online* ou utilizar aplicativos que permitam a comunicação com outras pessoas sem a necessidade de sair de casa. Dessa maneira, dominar conhecimentos relacionados com as tecnologias seria uma forma de se preparar melhor para o envelhecimento avançado e de contornar problemas gerados pela idade (Eurostat, 2012).

O modelo de otimização seletiva com compensação foi proposto por Baltes e colegas como um pré-requisito para o "envelhecimento bem-sucedido" (Carr, 2009; McGuire & Norman, 2005), um paradigma que tem sido gradualmente desenvolvido dando ênfase sobre o positivo, o saudável, o bom, o ativo ou o envelhecimento com sucesso obtido através da adaptação e ajustamento de funções socialmente aceitáveis (Bowling, 2005a): “Com a perspectiva SOC os indivíduos procuram simultaneamente maximizar os ganhos e minimizar as perdas. Portanto, o envelhecimento bem-sucedido prevê a minimização das perdas e maximização dos ganhos” (McGuire & Norman, 2005: 96), contexto, esse, também facilmente relacionado à teoria da atividade (Carr, 2009).

Perspetivas funcionalistas salientam que um envelhecimento bem-sucedido é obtido através da adaptação e ajustamento social. Há evidências que essas estratégias estão associadas a níveis mais elevados de satisfação e de qualidade no processo de envelhecimento (Bowling, 2005b). Para os teóricos dessa perspetiva, o afastamento não seria um processo natural como afirmaram Cumming e Henry, mas sim inerente ao *ageism*

ou idadismo, discriminação baseada na idade, sem contributo para um “envelhecimento de sucesso”.

Contudo, a definição de sucesso é, tipicamente, inerente à atividade física ou social, ambas ligadas ao conceito de envelhecimento bem-sucedido (Phelan & Larson, 2002), mas existem estudos que atestam que para um envelhecimento de sucesso não são necessários altos níveis de atividade. Por exemplo, um indivíduo que sofra de severas perdas funcionais talvez não veja o sucesso como engajamento social, mas sim como a preservação das habilidades que lhe restam (McGuire & Norman, 2005). Tornstam (1992: 223) questiona a atitude dos gerontologistas ao dizer que “nós colocamos nosso ‘chapéu’ teórico na cabeça das pessoas mais velhas sem pensar que os nossos pontos de partida são relativos para uma avaliação”.

Apesar da importância desses questionamentos para nos fazer refletir sobre a busca incessante para nos tornarmos cada vez mais ativos, a verdade é que, em sua maioria, os estudos científicos dão conta de que manter-se ativo numa fase posterior da vida é benéfico para o indivíduo (Páscoa & Gil, 2015; Llorente-Barros, Viñarás-Abad e Sánchez-Valle, 2015; Colombo, Aroldi e Carlo, 2015; Nimrod, 2007; Raymundo, 2013; Khullar e Reynolds, 1990; Bowling, 2005a).

#### **4- Teoria da inovação e envelhecimento bem-sucedido**

A teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido (Nimrod & Kleiber, 2007; Nimrod, 2007; Nimrod e Rotem, 2012; Nimrod, 2008; Nimrod e Hutchinson, 2010) aborda, especificamente, a adoção de novas atividades de lazer por pessoas com idade avançada e "propõe considerar a inovação como um mecanismo que permite o crescimento para alargar e aprofundar o sentido de vida que leva ao maior bem-estar e satisfação com a vida" (Nimrod & Rotem, 2012: 383). Enquanto a execução de novas atividades faz com que os idosos se sintam mais dinâmicos, o papel mais significativa da inovação parece ser a criação de uma oportunidade para uma vida mais desafiadora e significativa. Nesse sentido, a

inovação talvez seja considerada como um mecanismo que permite que o processo de envelhecimento mais avançado seja ativo e de sucesso.

O uso das novas tecnologias de informação e comunicação pode ser entendido como uma forma de lazer, portanto, uma ilustração de um impacto positivo no processo de envelhecimento é demonstrada por estudos que afirmam que o fato de aprender como usar um computador e a internet ressalta o senso de independência (Henke, 1999), cria um processo de *empowerment* (Shapira, Barak & Gal, 2007) e proporciona às pessoas mais velhas a possibilidade de fazer novas amizades e de desenvolver novos interesses, tanto *online* como *offline*, fazendo da velhice um período de descobertas com aumento do bem-estar e da qualidade de vida (Sá & Almeida, 2012) (Alves *et al.*, 2012).

Recentemente, alguns autores (Riva, Waterworth & Murray, 2014; Gorini, Capideville, De Leo, Mantovani & Riva, 2011; Riva *et al.*, 2014) têm sugerido que é possível manipular a experiência tecnológica para reforçar a presença social, ou seja, a sensação de estar com os outros: fazer parte de um grupo virtual, colocar a sua própria vontade (presença) em prática e ser capaz de entender as intenções dos outros membros do grupo (presença social). Segundo os autores, isto implica que, para sustentar as experiências que são ideais sociais (fluxo em rede), a tecnologia deve proporcionar ao grupo virtual a possibilidade de se expressar e de entender o que cada membro está a fazer (Riva, 2005).

Além disso, Gaggioli e colegas (2013) falam que o estado ideal do grupo é alcançado quando a equipe desenvolve uma "intenção conjunta" no qual as ações dos indivíduos e do grupo são intercaladas e o grupo atua como uma entidade política autónoma e autoentidade organizadora. Um exemplo interessante dessa abordagem é o uso de tecnologias para melhorar as relações intergeracionais (Gaggioli *et al.*, 2014). As relações entre diferentes gerações oferecem o potencial para reduzir as barreiras existentes entre elas, transmitindo, por exemplo, a herança de tradições populares e por despertar o interesse dos jovens sobre suas raízes históricas e sociais (Webster & Mccall, 1999).

O aumento do número de atividades e a elevada frequência de participação social na terceira idade foram significativamente associados a uma maior satisfação com a vida. Ninrode (2007) descodifica essa constatação e diz que o impacto da inovação não é direta

no bem-estar da pessoa idosa, mas a inovação tem o potencial de criar oportunidades que podem trazer mais significado à vida e pode levar a um maior sentido de bem-estar e satisfação (Ninrode & Kleiber, 2007; Kachar, 2010). Portanto, o ato de inovar pode desempenhar um papel fundamental na experiência de utilizar uma tecnologia e tirar benefícios desse uso que podem contribuir para um envelhecimento mais ativo e com maior qualidade de vida.

No entanto, a novidade por si só não é uma motivação para a inovação entre os idosos, como ocorre mais frequentemente em outras camadas da população. Entre os idosos esse processo é mais complexo e envolve a formulação de novas orientações para a autopreservação ou uma profunda mudança intrapessoal. Pesquisas sobre consumo dão conta de que adultos mais velhos são considerados os últimos a adotarem novos produtos e serviços (Bowe, 1988; Gilly & Zeithaml, 1985). Muitas das vezes, as pessoas mais velhas não adquirem bens simplesmente porque são novidade, mas sim quando sentem que se beneficiarão dessa compra (Schiffman & Sherman, 1991). Portanto, em muitos casos, um dos motivos identificados para que os idosos não usem as tecnologias é a falta de interesse e o fato de não perceberem um sentido prático desses objetos em suas vidas.

### **Considerações finais**

As teorias sociais gerontológicas começaram com expectativas relativamente negativas sobre o lado social na velhice. Contudo, com o passar dos anos, essa visão tem sido suavizada com interpretações que levam em consideração aspectos mais complexos da vida dos idosos como o contexto social, cultural e econômico, algo que também reflete a importância que o tema envelhecimento tem ganhado nas últimas décadas. A teoria é útil na medida em que fornece uma compreensão mais profunda de eventos sociais e das suas configurações e a suposição de que os indivíduos idosos têm a possibilidade de serem agentes ativos e com poder de alterar a natureza de seus ambientes sociais através do uso das tecnologias de informação e comunicação.

Assim, não pode haver teorias gerais do envelhecimento refletindo leis fixas ou naturais da organização social humana (Turner, 2003). O que vemos aqui é uma evolução teórica na forma de pensar o processo de envelhecimento e as suas interações sociais através das TIC. Contudo, esse decurso nunca é tão simples de se entender e explicar, pois as relações sociais, as características que são específicas de cada indivíduo e o curso de vida de cada um deles fazem com que uma interpretação fácil seja impossível de ser formulada. Portanto, o que temos aqui uma visão multidisciplinar dos referenciais teóricos abrangente e que reflete a natureza complexa do processo de envelhecimento, mas que não esgota essa discussão.

Dentro desse contexto e com base na discussão que apresentamos aqui, devemos pensar o envelhecimento como um processo de desenvolvimento e que não se pode compreender separadamente de experiências e processos ocorridos ao longo da vida, que leva em consideração a estrutura social e o comportamento da pessoa idosa dentro do ambiente social em que vive. Esses referenciais teóricos refletem a natureza complexa do processo de envelhecimento e também se caracterizam por uma tentativa de explicar os acontecimentos que rodeiam essa heterogeneidade (Bengtson, Burgess & Parrott, 1997). As teorias ligadas ao processo de envelhecimento ajudam-nos a sistematizar o que é conhecido e a explicar “o como” e “o porquê” por detrás dos dados (Bengtson & Schaie, 1999: 5), por isso essenciais para formar uma base para entendermos melhor a complexa relação entre pessoas idosas e o uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

### **Referências Bibliográficas**

Achenbaum, W. A. & Bengtson, V. L. (1994) Re-engaging the disengagement theory of aging: on the history and assessment of theory development in gerontology. *The Gerontologist*, vol. 34, no. 6, pp. 756–763.

Alley, D. E., Putney, N. M., Rice, M. & Bengtson, V. L. (2010) The Increasing Use of Theory in Social Gerontology: 1990-2004. *Journal of Gerontology: Social Science*, vol. 65, no. 5, pp. 583–590.

Aroldi, P. & Colombo, F. (2007) Generational belonging and mediascape in Europe. *Journal of Social Science Education*, vol. 6, no. 1, pp. 34–44.

Baltes, M. M. & Carstensen, L. L. (1996) The process of successful aging. *Ageing and Society*, vol. 16, pp. 397–422.

Baltes, M. M. & Lang, F. R. (1997) Everyday functioning and successful aging: the impact of resources. *Psychology and Aging*, vol. 12, no. 3, pp. 433–443.

Bengtson, V., Burgess, E. & Parrot, T. (1997) Theory, Explanation and a Third Generation of Theoretical Development in Social Gerontology. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, vol. 52, pp. 72–88.

Bengtson, V. L., Burgess, E. O. & Parrott, T. M. (1997). Theory , Explanation , and a Third Generation of Theoretical Development in Social Gerontology, vol. 52, no. 2, pp. 72–88.

Bengtson, V. L. & Schaie, K. W. (1999) Handbook of theories of aging. In: V. L. Bengtson & K. W. Schaie (eds.) (1ª ed.). New York: Springer Publishing Company.

Bertaux, D. & Thompson, P. (1993) Between generations. Family models, myths and memories. Brunswick: Transaction Publishers.

Birren, J. E. (1999) Theories of aging: A personal perspective. In: V. L. Bengtson & W. Schaie (eds.) Handbook of theories of aging. New York: Springer. pp. 459–471.

Bowling, A. (2005a) Ageing well: Quality of Life in Old Age. England: Open University Press.

Bowling, A. (2005b) Quality of life in old age. England: Open University Press.

Carr, D. (2009) Encyclopedia of the life course and human development (Vol. 3). Farmington Hills, MI: Cengage Learning.

Carstensen, L. L., Isaacowitz, D. M. & Charles, S. T. (1999) Taking time seriously: A theory of socioemotional selectivity. *American Psychologist*, vol. 54, no. 3, pp. 165–181.

Colombo, F., Aroldi, P. & Carlo, S. (2015) Nuevos mayores, viejas brechas: TIC, desigualdad y bienestar en la tercera edad en Italia. *Comunicar*, vol. 45, no. 23, pp. 47–55.

Corsten, M. (1999) The Time of Generations. *Time & Society*, vol. 8, no. 2, pp. 249–272.

Cumming, E. & Henry, W. E. (1961) Growing older: The process of disengagement. New York: Basic Books.

Dannefer, D. (1988) What's in a name? An account of the neglect of variability in the study of ageing. In: J. E. Birren & V. L. Bengtson (eds.) Emergent theories of ageing. New York: Springer.

Elder, G. H. (1975) Age differentiation and the life course. *Annual Review of Sociology*, 1, 165–190.  
Elder, G. H. J., Johnson, M. K e Crosnoe, R. (2003). The emergence and development of life course theory. In: J. Mortimer & M. Shanahan (eds.) Handbook of the Life Course. New York: Plenum Press. pp. 3–22.

Elder, G. & Shanahan, M. (2006) The life course and human development. In: R. M. Lerner (ed.) A handbook of child psychology - Theoretical models os human development. New Jersey: John Wiley & Sons. 6º ed., pp. 665–715.

European Commission. (2012) ICT for seniors' and intergenerational learning. Disponível em: [http://eacea.ec.europa.eu/llp/results\\_projects/documents/publi/ict\\_intergenerational\\_learning.pdf](http://eacea.ec.europa.eu/llp/results_projects/documents/publi/ict_intergenerational_learning.pdf), consultado em 16/10/2015.

Eurostat. (2012) Active ageing and solidarity between generations: A statistical portrait of the European Union 2012. Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Freund, M. & Baltes, P. B. (2002) Selection, optimization, and compensation as strategies of life management: correlations with subjective indicators of successful aging. *Psychology and Aging*, vol. 13, no. 4, pp. 642–662.

Gaggioli, A., Milani, L., Mazzoni, E., & Riva, G. (2013) *Networked Flow: Towards an Understanding of Creative Networks*. Dordrecht: Springer.

Gaggioli, A., Morganti, L., Bonfiglio, S., Scaratti, C., Cipresso, P., Serino, S. & Riva, G. (2014) Intergenerational Group Reminiscence: A Potentially Effective Intervention to Enhance Elderly Psychosocial Wellbeing and to Improve Children's Perception of Aging. *Educational Gerontology*, no. 40, pp. 486–498.

George, L. K. (1996) Missing Links: The Case for a Social Psychology of the Life Course. *The Gerontologist*, vol. 36, no. 2, pp. 248–255.

Gorini, A., Capideville, C. S., De Leo, G., Mantovani, F. & Riva, G. (2011) The role of immersion and narrative in mediated presence: the virtual hospital experience. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, vol. 14, no. 3, pp. 99–105.

Hendricks, J., Applebaum, R. & Kunkel, S. (2010) A world apart? Bridging the gap between theory and applied social gerontology. *The Gerontologist*, vol. 50, no. 3, pp. 284–93.

Henke, M. (1999) Promoting independence in older persons through the Internet. *CyberPsychology & Behavior*, vol. 2, no. 6, pp. 521–527.

Iwasaki, Y. & Smale, B. J. a. (1998) Longitudinal analyses of the relationships among life transitions, chronic health problems, leisure, and psychological well-being. *Leisure Sciences*, vol. 20, no. 1, pp. 25–52.

Kachar, V. (2010) Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Kairós. Revista Da Faculdade de Ciências Humanas E Humanas*, vol. 13, no. 2, pp. 131–147.

Katz, S. (1996) *Disciplining Old Age: The Formation of Gerontological Knowledge*. Charlottesville: UPV.

Khullar, G. S. & Reynolds, B. (1990) Quality of life and activity: a test of the activity -"versus"-disengagement theories. *International Review of Modern Sociology*, vol. 20, no. 1, pp. 33–68.



Lang, F. R. (2000) Endings and Continuity of Social Relationships: Maximizing Intrinsic Benefits within Personal Networks when Feeling Near to Death. *Journal of Social and Personal Relationships*, vol. 17, no. 2, pp. 155–182.

Lang, F. R. (2001) Regulation of social relationships in later adulthood. *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, vol. 56, no. 6, pp. 321–326.

Lang, F. R. & Carstensen, L. L. (2002) Time counts: future time perspective, goals, and social relationships. *Psychology and Aging*, vol. 17, no. 1, pp. 125–139.

Lang, F. R., Rieckmann, N. & Baltes, M. M. (2002) Adapting to aging losses: do resources facilitate strategies of selection, compensation, and optimization in everyday functioning? *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, vol. 57, no. 6, pp. 501–509.

Lenhart, A. & Horrigan, J. (2003) Re-visualizing the digital divide as a digital spectrum. *IT & Society*, vol. 1, no. 5, pp. 23–39.

Llorente-Barros, C., Viñarás-Abad, M. & Sánchez-Valle, M. (2015) Mayores e Internet : La Red como fuente de oportunidades para un envejecimiento activo. *Comunicar*, vol. 23, no. 45, pp. 29–36.

Loos, E. (2012) Senior citizens: Digital immigrants in their own country? *Observatorio (OBS\*) Journal*, no. 1, pp. 1–23.

Mannheim, K. (1952) The Problem of Generations. *Essays on the Sociology of Knowledge*, vol. 24, no. 19, pp. 276–322.

McGuire, F. & Norman, W. (2005) The role of constraints in successful aging: Inhibiting or enabling? In: E. Jackson (ed.) *Constraints to leisure*. State College, PA: Venture Press. pp. 89–101.

Mitzner, T. L., Boron, J. B., Fausset, C. B., Adams, A. E., Czaja, S. J., Dijkstra, K., & Sharit, J. (2010) Older Adults Talk Technology: Technology Usage and Attitudes. *Comput Human Behav*, vol. 26, no. 6, pp. 1710–1721.

Mollenkopf, H. & Fozard, J. L. (2004) Technology and the good life: Challenges for current and future generations of ageing people. In: H. W. Wahl, R. Scheidt, & P. Windley (eds.) *Environments, Gerontology and Old Age: Annual Review of Gerontology and Geriatrics*. New York: Springer Publishing Company. pp. 250-279.

Mortimer, J. & Shanahan, M. (2003) *Handbook of the life course*. In: J. Mortimer & M. Shanahan (eds.) New York: Kluwer Academic Publishers.

Nimrod, G. (2007) Expanding, reducing, concentrating and diffusing: Post retirement leisure behavior and life satisfaction. *Leisure Sciences*, vol. 29, no. 1, pp. 91–111.

Nimrod, G. (2008). In support of innovation theory: innovation in activity patterns and life satisfaction among recently retired individuals. *Ageing & Society*, vol. 28, no. 6, pp. 831–846.

Nimrod, G. & Hutchinson, S. (2010) Innovation among older adults with chronic health conditions. *Journal of Leisure Research*, vol. 41, no. 1, pp. 1–23.

Nimrod, G. & Kleiber, D. (2007) Reconsidering change and continuity in later life: Toward an innovation theory of successful aging. In *International Journal of Aging and Human Development*, vol. 65, pp. 1–22.

Nimrod, G. & Rotem, A. (2012) An exploration of the Innovation Theory of Successful Ageing among older tourists. *Ageing and Society*, vol. 32, no. 3, pp. 379–404.

Ofcom. (2007) Social inclusion and communications: a review of the literature.

Páscoa, G. & Gil, H. (2015) Uma nova forma de comunicação para o cidadão Sênior: Facebook. *Revista Kairós Gerontologia*, vol. 18, no. 1, pp. 9–29.

Phelan, E. A. & Larson, E. B. (2002) “Successful aging” - Where next? *Journal of the American Geriatrics Society*, vol. 50, no. 7, pp. 1306–1308.

Prensky, M. (2001) Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*. MCB University Press, vol. 9, no. 5.

Raymundo, T. (2013) Aceitação de tecnologias por idosos. São Paulo. Dissertação de Mestrado Ciências. Universidade de São Paulo.

Riva, G. (2005) The Psychology of Ambient Intelligence: Activity, Situation and Presence. In: Riva, G., Vatalaro, F., Davide, F. e Alcañiz, M. (eds.) *Ambient Intelligence*, IOS Press, pp. 17–33.

Riva, G., Waterworth, J. A. & Murray, D. (2014) Interacting with Presence: HCI and the sense of presence in computer-mediated environments. Berlin: De Gruyter. Disponível em: <http://www.presence-research.com>, consultado em 01/01/2016.

Russell, A. (1975) Disengagement Theory: A Critique and Proposal. *American Sociological Association*, vol. 40, no. 5, pp. 553–569.

Sá, M. & Almeida, V. (2012) A inclusão dos idosos no mundo digital através das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). *Conexões Ciência E Tecnologia*, vol. 6, no. 1, pp. 1–14.

Selwyn, N., Gorard, S. & Furlong, J. (2003) The information aged: Older adults’ use of information and communications technology in everyday life. Wales: Cardiff University.

Shapira, N., Barak, A. & Gal, I. (2007) Promoting older adults’ well being through Internet training and use. *Aging and Mental Health*, vol. 11, no. 5, pp. 477–484.

Steverink, N., Westerhof, G. J., Bode, C. & Dittmann-Kohli, F. (2001) The Personal Experience of Aging, Individual Resources, and Subjective Well-Being. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, vol. 56, no. 6, pp. 364–373.

Tornstam, L. (1992) The quo vadis of gerontology: On the scientific paradigm of gerontology. *The*

Gerontologist, vol. 32, no. 3, pp. 318–326.

Turner, J. H. (2003) *The Structure of Sociological Theory*. Belmont, CA: Wadsworth Thomson Learning.

Volkmer, I. (2006) *News in public memory: An international study of media memories across generations*. New York: Peter Lang.

Warren, N. D. (1973) *Physiological status and disengagement theory: a study on a model population*. *Journal of Chemical Information and Modeling*, no. 2, pp. 55–96.

Webster, J. D. & McCall, M. E. (1999) *Reminiscence across adulthood: A replication and extension*. *Journal of Adult Development*, vol. 6, no. 1, pp. 73-85.

Data de Receção: 23/03/2016

Data de Aprovação: 21/04/2016